



## **(Re)construir passados em museus? O Museu Histórico Nacional em foco (1922-2022)**

*Por Aline Montenegro Magalhães,*

*Fernanda Castro e*

*Simone Kimura.*

A pergunta provocativa foi a geradora da conversa que teve lugar no VII Encontro de Museus-Casas Literários, cujo tema foi *Agoridade: a reconstrução do passado no presente*, com realização em julho de 2022. Aline Montenegro Magalhães compartilhou reflexões sobre os limites, possibilidades e impossibilidades de (re)construção do passado em museus, tendo por referência seus estudos e sua experiência no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Inspirada em pensamentos sobre o tempo presente, especialmente conceitos como o de *agoridade* a partir da poesia de Haroldo de Campos (*In: Antunes e Bandeira, 2016*), *presentismo* de François Hartog (2013) e *atualismo* de Matheus Pereira e Valdeci Araújo (2019), Magalhães falou das angústias da experiência de viver o tempo presente e a ânsia de retê-lo com base no medo da perda, da desatualização e do esquecimento. São angústias e inseguranças em relação ao presente, cada vez mais fugaz. A vontade de tudo guardar e a dificuldade de deixar o presente passar geram preocupações com as diferentes formas de recrutar o passado, de (re)construí-lo em museus, como forma de apaziguar os desconfortos, dar sentido às experiências no tempo, compreendê-las, combater esquecimentos e promover entendimento sobre a nossa relação com o pretérito.

Para a escrita do presente capítulo, convocamos a historiadora e educadora museal Fernanda Castro e a arquiteta Simone Kimura para compartilharmos os desafios, escolhas e realizações da gestão do Museu Histórico Nacional (MHN) ao longo do ano do seu centenário, 1922. A gestão aqui em foco foi iniciada por Aline Montenegro Magalhães em 9 de fevereiro e finalizada por Fernanda Castro entre 25 de julho de 2022 e 12 de janeiro de 2023 – quando esta assumiu a presidência do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)<sup>1</sup>. Ao longo da gestão Simone Kimura assumiu a liderança na realização das exposições que serão aqui analisadas

---

<sup>1</sup> O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) é uma autarquia federal vinculada à Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo. É responsável pela Política Nacional de Museus (2003) e pela gestão de 27 museus federais.



como forma de mostrar que passados foram (re)construídos para contar a história da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil a partir da história dessa instituição centenária.

### **1. Um pouco de história do MHN**

O Museu Histórico Nacional (MHN), criado em 2 de agosto de 1922, pelo [Decreto nº 15.596](#) assinado pelo presidente Epitácio Pessoa, foi inaugurado durante as comemorações do Centenário da Independência do Brasil. Ocupou duas salas do complexo arquitetônico da Ponta do Calabouço, que do século XVII aos primeiros anos do XX foi destinado a funções militares e tinha acabado de sofrer uma reforma, sob a responsabilidade dos arquitetos Francisque Cuchet e Archimedes Memória. Com feições neocoloniais (Kessel, 2008), o conjunto de edifícios abrigou o Pavilhão das Grandes Indústrias da Exposição Internacional Comemorativa, que ocupou o também recém-reformulado bairro da Misericórdia.

Gustavo Barroso foi o primeiro diretor do MHN. Sua primeira gestão (1922-1930) foi marcada pela formação das primeiras coleções, cuja maioria dos objetos foi recolhida em repartições públicas, como o Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional, o Museu Nacional, o Museu Naval e a Escola Nacional de Belas Artes. Paralelamente, foi iniciada uma campanha estimulando a doação de objetos por particulares.

Os objetos recolhidos por Gustavo Barroso, bem como as exposições produzidas, enfatizavam uma história do Estado, especialmente o monárquico, da aristocracia, da Igreja Católica e dos oficiais militares. Armas, moedas, pinturas de história, arte sacra, fragmentos de construção, prataria, mobiliário, condecorações comprovavam a narrativa, ao mesmo tempo que a compunham nas galerias.

Em 1924, foi publicado o primeiro catálogo do MHN, listando os 2.486 objetos da seção de “História e Archeologia” (Barroso, 1924). Por suas páginas é possível conhecer a primeira exposição permanente. Eram 21 espaços denominados de acordo com as coleções que abrigavam, seja pela temática ou tipologia, como a Escadaria dos Escudos, a Sala do Trono e a Arcada dos Coches. Apenas o General Osório, elevado a herói por sua participação na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), contribuindo para a derrota do Paraguai ao lado dos exércitos argentino e uruguaio, tinha uma sala em sua homenagem, com seus objetos pessoais.



Gustavo Barroso foi afastado da instituição após Getúlio Vargas ter assumido a presidência do Brasil, em 1930. Segundo o próprio Barroso, que havia apoiado Júlio Prestes nas eleições de 1930, o responsável pelo seu afastamento foi Francisco Campos, então Ministro da Educação e Saúde Pública (MESP), ao qual o MHN passou a ser subordinado, pois desde a sua criação estava vinculado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Rodolfo Garcia, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e um dos colaboradores mais próximos de Capistrano de Abreu – historiador, oficial da Biblioteca Nacional –, o substituiu na direção do MHN. Em sua gestão, Garcia organizou a primeira exposição temporária da instituição, a *Exposição Comemorativa do Centenário da Abdicação de D. Pedro I*, e, em 1931, modificou o circuito expositivo com salas que passaram a corresponder a períodos e acontecimentos históricos. Em 1932, foi criado o Curso de Museus, voltado para a formação de conservadores – profissionais especializados no trabalho em museus, atualmente denominados museólogos.

No final de 1932, Gustavo Barroso foi reconduzido à direção do MHN, permanecendo no cargo até sua morte, em 1959. Durante sua segunda gestão a instituição ampliou mais sua área física, aumentou seu acervo e modificou o circuito de exposição permanente. Devido à doação de particulares, junto às salas representativas dos grandes acontecimentos, períodos e personagens históricos, figurava a memória dos patronos da instituição, como Miguel Calmon – político e diplomata brasileiro – e o próprio Getúlio Vargas, que ganhou uma sala com seu nome para guardar os objetos por ele doados (Abreu, 1996).

Em 1934, foi criada a Inspetoria de Monumentos Nacionais (IMN) como um novo departamento do MHN. Voltava-se para a conservação e restauro do patrimônio arquitetônico e ao controle do comércio de antiguidades. Funcionou até 1937, quando foi substituída em suas atribuições pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Em seus três anos de atividades, a IMN restaurou monumentos da cidade de Ouro Preto-MG entre pontes, chafarizes e igrejas (Magalhães, 2017).

Ao longo da década de 1930, Gustavo Barroso passou a reivindicar em seus relatórios de atividades, enviados ao MESP, o título de “Casa do Brasil” para o Museu Histórico Nacional. Em 1940, o MHN recebeu uma placa em sua entrada com esses dizeres. Data desse mesmo ano o primeiro volume dos *Anais do Museu Histórico Nacional*, voltado para a divulgação da



produção intelectual de seus conservadores. O periódico foi publicado até 1975. Ainda em 1940, o MHN representou o Brasil na *Exposição do Mundo Português*, realizada em Lisboa. Em 1943, deu apoio técnico à criação do Museu Imperial, localizado na cidade de Petrópolis.

Após a morte de Barroso, em 1959, o escritor Josué Montello assumiu a direção da instituição. Sob sua gestão foi criado, em 15 de novembro de 1960 pelo Decreto Presidencial n.º 42.883, o Museu da República (MR), no Palácio do Catete, como um departamento do MHN. O MR, então, passou a abrigar grande parte do acervo referente ao período republicano sob a guarda do MHN. Montello deixou o cargo em 1967 sendo substituído pelo militar Léo Fonseca e Silva, que ocupou a direção até 1970. Durante a gestão de Fonseca e Silva, o MHN passou por reformas arquitetônicas e inaugurou uma exposição, em 1969. A exposição tinha um sentido cronológico e linear, pautado pelos acontecimentos da história política do Brasil.

Em 1970 assumiu a direção do MHN Gerardo Brito Raposo da Câmara, que ficou no cargo até 1984. Na sua gestão foram enfatizadas as atividades extramuros e cursos de capacitação. A gestão de Câmara foi marcada pela reorganização administrativa, com a criação de um novo organograma do MHN.

Em 1979, o Curso de Museus foi transferido para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pelo Decreto n.º 79.123 de 24 de maio de 1977. Ainda em 1979, o MHN foi incorporado à recém-criada Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM). Em 1983, o MR foi elevado à categoria de unidade administrativa autônoma, sendo transferido a este museu, permanentemente, o acervo do MHN referente ao período republicano que estava sob sua guarda.

A FNPM buscava reorganizar e revigorar diversas repartições da área cultural ligadas ao patrimônio. Incorporou, em 1981, os museus subordinados ao Departamento de Assuntos Culturais do então Ministério da Educação e Cultura (MEC) e em 1984 foi responsável pelo Programa Nacional de Museus (PNM). O PNM visava estabelecer uma administração mais integrada entre os museus e o MEC. O programa deveria levar ao ministério as necessidades e demandas daquelas instituições, com a responsabilidade de formular e aplicar programas de desenvolvimento institucional, cujo principal objetivo era a renovação e a modernização



dos museus. Em 1985, com a criação do Ministério da Cultura (MinC), pelo Decreto n.º 91.144, o MHN passou a ser subordinado a este ministério (Pret, 2005).

O MHN, tal como outros museus nacionais, vivenciava um período de crise, sendo seu orçamento insuficiente para suas atividades, como manutenção predial, conservação do acervo e divulgação. Diante desse quadro, o diretor Câmara solicitou, em ofício encaminhado ao PNM, intervenção no MHN. Ainda em 1985, já sob a direção da museóloga Solange Godoy, que ficou no cargo até 1989, foi criada uma comissão que reuniu funcionários e técnicos escalados pelo PNM. O trabalho dessa comissão deu origem ao documento intitulado *Proposta conceitual para o Museu Histórico Nacional*, que definiu que a História deveria ser a ciência a fundamentar as ações do MHN. O documento definia também que o fato de existirem outros museus referentes a períodos ou temas da História do Brasil não invalidava que no MHN se procurasse refletir a História Nacional por inteiro. A instituição apresentava-se como museu-síntese da História Nacional (Museu Histórico Nacional, 1985).

Durante a administração de Godoy e tendo por base proposta da comissão, foi iniciada uma ampla mudança conceitual na instituição, que ficou conhecida como “Processo de revitalização do Museu Histórico Nacional”. Esse processo teve início, efetivamente, em 1985, a partir das conclusões dos trabalhos da comissão do PNM, que foi a base das ações empreendidas nos anos seguintes, como a reformulação do circuito de exposição de longa duração que deixou de ter uma organização cronológica, para se estabelecer em módulos temáticos, como “Colonização e dependência” (Museu Histórico Nacional, 1989).

Pela primeira vez o museu se abria para parcerias na realização das suas atividades, a exemplo do diálogo com a universidade nos processos de curadoria das exposições e de realização de eventos acadêmicos. O país vivia a abertura política, após 21 anos da ditadura civil-militar (1964-1985). E o MHN procurava atualizar a História do Brasil ali contada, em sintonia com as questões contemporâneas do campo disciplinar da História, e também do momento de reivindicação por direitos de diferentes segmentos sociais em meio à formação de uma Assembleia Constituinte, para elaboração da nova Constituição promulgada em 1988.

No entanto, a revitalização do MHN não terminou na gestão de Godoy, tampouco se deu de maneira contínua e sem percalços. Nos anos posteriores, a crise econômica e política



em que mergulhou a Nova República não permitiu que o processo de revitalização tivesse a continuidade programada. Mas sob as direções de Ecylla Castanheira Brandão (1990-1994) e Vera Lúcia Bottrel Tostes (1994-2014) várias ações nesse sentido foram realizadas. Entre elas destaca-se a inauguração de exposições de longa duração sobre a História do Brasil, a exemplo do módulo “Expansão, ordem e defesa”, e a restauração de diversos itens do acervo.

Em 1995, o MHN retomou a publicação dos *Anais do Museu Histórico Nacional*, que, desde então, seguem sendo editados ininterruptamente, reconhecidos como um dos principais periódicos brasileiros voltados à temática do patrimônio, da história e da museologia.

Nas últimas décadas do século XX e primeiras do XXI, o MHN passou pela adequação da narrativa histórica produzida nas salas de exposição às concepções da atual historiografia. O Museu passou a ser concebido como um sistema de informação, intermediário entre objetos – que passaram a ser entendidos como documentos – e usuários e pesquisadores. Nesses anos, houve uma mudança nos critérios de aquisição de acervo da instituição, com a formalização, em relatório concluído em 1994, revisto em 2005 e depois em 2014, de uma Política de Aquisição e Descarte de Acervos.

Nesse relatório é reconhecida a dificuldade da instituição em dar conta da história nacional como um todo, sem recortes, e a necessidade de rompimento com uma história gloriosa desempenhada pelos grandes personagens e acontecimentos. O Museu passou a ser entendido como um lugar de memórias nacionais, onde se procurava corrigir “distorções” e pôr em cena elementos “esquecidos” na narrativa tradicional. Assim, objetos representativos de grupos e atividades sociais antes não inseridos no MHN passaram a ser coletados pelos técnicos da instituição. Dentre esses objetos destacam-se ferramentas de trabalho vinculadas às classes operárias e ao homem do campo, certos estilos de móveis de decoração, utensílios e eletrodomésticos dos lares brasileiros de meados do século XX em diante, brinquedos característicos da infância dos brasileiros, etc. (Ferreira, 2014).

O acervo passou a ser composto também por objetos de produção em massa, como copos de requeijão, computadores, telefones, objetos plásticos, eletrodomésticos, frascos



etc., que passaram a dividir a reserva técnica com objetos das primeiras coleções, como o guarda-corpo do Paço que “testemunhou” o Dia do Fico, a mesa da Constituinte de 1824, etc.

Em 19 de abril de 2001, o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN deu parecer favorável ao tombamento do conjunto arquitetônico que abriga o MHN, bem como de suas coleções, excluído o acervo bibliográfico. A inscrição no Livro do Tombo Histórico ocorreu no dia 4 de setembro de 2009. Atualmente o MHN possui um acervo com cerca de 273 mil objetos. Deste total, 54% correspondem às coleções de numismática, 20% ao acervo arquivístico, 19% ao acervo bibliográfico e 7% ao acervo museológico.

Com a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), em janeiro de 2009, o MHN passou a ser subordinado a ele e não mais ao IPHAN, tal como era desde 1994, após a extinção do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC) pela Medida Provisória nº 752 de 6 de dezembro de 1994.

Após 20 anos de gestão, comandando um longo e intenso processo de reformas arquitetônicas e reformulação das exposições, Vera Tostes deixa a direção em 2014. Ruth Beatriz Caldeira de Andrada, então chefe da Divisão Técnica, ocupou o cargo interinamente, até que Paulo Knauss, primeiro diretor escolhido pelo processo de seleção lançado por chamada pública, assumisse a direção, em outubro de 2015.

A gestão de Knauss foi marcada externamente pelo recuo das políticas públicas para o campo dos museus e da cultura em geral, mas, internamente, por propostas inovadoras de abertura do MHN para o diálogo com a sociedade civil e os movimentos sociais. Destaca-se a realização de rodas de conversas e experiências de curadoria compartilhada, a exemplo do encontro realizado em 2017 com mulheres e integrantes dos movimentos feministas, em 2018 com representantes do movimento negro, e da aquisição dos escombros das casas da Vila Autódromo<sup>2</sup>. O objetivo foi promover diálogos que pudessem resultar na ampliação e

---

<sup>2</sup> A Vila Autódromo teve sua origem nos anos 1960, como uma colônia de pescadores estabelecida às margens da Lagoa de Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. Próximo ao local, na década seguinte, foi construído um autódromo, o que deu origem ao nome da comunidade. Várias tentativas de remoções, ao mesmo tempo em que ações importantes, como o cadastramento socioeconômico feito pelo Governo do Estado em 1992, asseguraram sua permanência na região.

Com os preparativos da cidade para receber os Jogos Olímpicos de 2016, a remoção de comunidades de baixa renda ganhou espaço e força na prefeitura de Eduardo Paes (2009-2016). No Plano Estratégico anunciado em janeiro de 2010, a Vila Autódromo estava entre as 119 favelas que seriam reassentadas pelo Município. E assim,



decolonização (Brulon, 2020) da representação desses grupos no museu, a partir de outros olhares sobre os objetos preservados na instituição, bem como novas aquisições que incrementassem esse processo.

Até 2020, quando Knauss deixou o cargo de diretor, não houve grandes reformulações no circuito inaugurado entre 2003 e 2010. Entretanto, foram promovidas alterações pontuais, tanto no conceitual e nos textos de algumas salas, quanto na inserção de novos e antigos objetos com suas respectivas legendas explicativas.

Em fevereiro de 2020, com a saída de Paulo Knauss, a direção interina foi assumida pela chefe da Divisão Técnica, Vania Bonelli, cuja gestão foi atravessada pela pandemia de covid-19. Com toda a dificuldade imposta pelo distanciamento social, o fechamento do museu ao público e a adequação do trabalho à modalidade remota, alguns dos projetos de curadoria compartilhada e de diálogo com a sociedade mantiveram-se. Um exemplo é o Projeto Echoes – Modalidades de Patrimônio Colonial Europeu em Cidades Entrelaçadas, realizado por meio de parceria iniciada em 2018 com o Núcleo de Documentação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra no âmbito do projeto Echoes, financiado pela União Europeia, que deu origem a publicações, seminários, *lives* e à exposição [Brasil decolonial: outras histórias](#).

## **2. Um museu centenário e seu projeto comemorativo “Escuta, conexão e outras histórias”**

Em fins 2019, preocupados com a proximidade das comemorações dos 100 anos do MHN em outubro de 2022 (em termos de planejamento de ações culturais, dois anos são um pulo!), os servidores da casa reuniram-se para apresentar a proposta de criação de um Grupo de Trabalho, cujo objetivo seria realizar pesquisas, levantamentos e construir uma proposta de projeto para a celebração do centenário do museu. O GT foi oficializado somente em fevereiro de 2021, mesmo os trabalhos do grupo criado pelos servidores tendo sido iniciados

---

mais de 500 famílias foram removidas dali para a construção do Parque Olímpico, do Centro de Mídia e das reformas de mobilidade urbana. Durante todo o processo houve uma intensa mobilização dos moradores, que utilizaram de ferramentas museológicas – como a criação do Museu das Remoções, “um instrumento de resistência e luta [...] contra as políticas de remoções, suas ações arbitrárias e consequentes apagamentos de memória”. Para saber mais v. <https://musedasremocoes.com>. Acesso em: 26 jan. 2022.



ainda em dezembro de 2019. Após um ano e meio de trabalho, o GT apresentou o projeto “Escuta, conexão e outras histórias”.

A proposta apresentava desdobramentos de ações que já vinham sendo realizadas pelo museu, como as rodas de conversa aqui já mencionadas. Propunha também o estabelecimento de parcerias e de processos participativos. Seu Plano de Trabalho foi elaborado a partir das reuniões que eram realizadas quinzenalmente e que cumpriram uma metodologia que envolveu consultas internas e conversas com parceiros.

A síntese dessa composição, elaborada por cerca de um ano e meio, foi um projeto que reconhece os 100 anos de história do MHN e sua importância para a museologia nacional e cujo eixo conceitual anuncia o museu que se quer seguir construindo, de forma colaborativa, nos próximos 100 anos:

Ao completar 100 anos o museu visa manter suas funções técnicas aliadas à sua função social enfrentando desafios contemporâneos, em que se destacam a necessidade da ampliação do acesso de públicos diversos, a ampliação de representatividade e participação dos mais amplos segmentos sociais na escrita da história produzida pela instituição.

Cada vez mais ‘povoado’ por novas conexões, o museu busca reforçar tanto os laços com o setor museológico tradicional quanto se abrir ao diálogo com novas visões a partir da museologia social e da perspectiva decolonial, por exemplo.

A proposta do museu como **conexão** para a produção de **outras histórias** baseia-se numa proposta de **escuta** e partilha que se inspira na seguinte ideia: o museu como conexão é concebido como um espaço social flexível, desenhado para engajar audiências através de estações multimídia, espaços de exposição, exposições, simpósios e eventos.

De forma ampla, o MHN procura dar conta da diversidade de situações que o caracterizariam como uma conexão para produção de outras histórias: tem seus espaços ocupados por exposições de longa duração e temporárias; seu auditório e outros espaços que são ocupados por atividades cujos temas



dialogam com sua função institucional, além de promover o engajamento de públicos nas atividades educativas e via redes sociais, por exemplo. (MHN, Projeto Escuta, conexão e outras histórias: Plano de Trabalho, 2021) [grifo nosso].

Fruto do planejamento do Grupo de Trabalho, algumas ações foram realizadas e outras estão em curso. Foi publicado e lançado, em outubro de 2021, o livro *Pátio Epitácio Pessoa: entre pedras, canhões e arcadas*.

Foram lançadas chamadas públicas para compor diversos dossiês temáticos dos *Anais do Museu Histórico Nacional*, sendo os temas: "Narrativas da(s) Independência(s) em museus, monumentos e coleções", "Mulheres e museus" e "Educação museal e os projetos de Brasis no ano do bicentenário". Destaca-se nessas ações a relação entre o Centenário do MHN e o Bicentenário da Independência do Brasil, celebrado em setembro do mesmo ano. Os primeiros dossiês foram publicados no último volume dos *Anais*, lançado em 2022.

Realizou-se um concurso, entre estudantes e recém-formados de design, artes e afins, para criação do logo do Centenário do MHN. O concurso contou com a parceria de professores de universidades na sua banca de seleção e realizou-se por meio de edital de chamada pública.



**Figura 1.** Marca Comemorativa do Centenário do Museu Histórico Nacional, 2022. Elaborada por Gabriel Ferrari Batista, 20 anos, estudante do 3º período do curso de Comunicação Visual (Design) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Com relação às publicações, optou-se pela realização do livro *Histórias do Brasil em 100 objetos do Museu Histórico Nacional*, lançado em 16 de dezembro de 2022, com artigos escritos por professores, pesquisadores, parceiros, detentores de saberes, funcionários, ex-funcionários e ex-diretores do MHN.



Três exposições foram realizadas pela equipe técnica do MHN ao longo de 2022. Rio-1922 foi inaugurada em 18 de maio, no Dia Internacional dos Museus. Apresenta o cenário carioca das comemorações do Centenário da Independência do Brasil, quando a cidade era a capital da República, local onde foi criado o Museu Histórico Nacional, que ocupou duas salas do Pavilhão das Grandes Indústrias da Exposição Internacional Comemorativa.

No dia seguinte, foi inaugurada a exposição Brasil decolonial: outras histórias, apresentando um conjunto de 17 intervenções no circuito de exposição de longa duração do museu, com críticas e reflexões sobre as suas narrativas e coleções, especialmente no que diz respeito à história da escravidão, do pós-abolição e do racismo estrutural e sistêmico que ainda assola nossa sociedade.

Por fim, *10 objetos: outras histórias*, inaugurada em 1º de dezembro. Uma continuidade da *Rio-1922*, que finalizou contando a história do MHN, procurando questionar e propor a escrita de outras histórias nesse museu centenário, a partir de 10 objetos do seu acervo.

Em andamento, temos a requalificação da exposição *Oreretama*, que, com nova denominação, *Îandé: aqui estávamos, aqui estamos*, está com inauguração prevista para o próximo dia 9 de fevereiro. Trata-se de outra exposição sobre a história do Brasil, sob a perspectiva e protagonismo dos povos originários. *Îandé* significa "nós", num sentido coletivo de existência, em tupi-guarani.

Entre outras atividades, também destacamos as rodas de conversa com diferentes participações e temáticas, como povos originários, população LGBTQIAKP+, mulheres e movimentos feministas, movimentos negros, imigrantes e refugiados, que contribuíram muito com a definição de projetos e atividades comemorativas para o MHN. Outro exemplo foi o dos seminários comemorativos do Centenário do MHN, como o "Independências num museu centenário: outros 200, outras histórias", produzido no formato de cocriação, com apoio da FAPERJ. Para sua realização, foi feita uma consulta pública, que indicou nomes de palestrantes, temas e propostas de atividades culturais para a [programação](#) que compôs o evento, realizado no aniversário dos 100 anos do museu.

Foi no contexto desse diálogo e com o espírito de parceria e colaboração que muitas outras atividades puderam ser concretizadas. O recebimento da Medalha Tiradentes, oferecida pelo Deputado Estadual Luiz Paulo, no dia 18 de maio, deu ao museu a honra da homenagem concedida pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

A produção e o lançamento de uma medalha comemorativa dos 100 anos do museu foram uma ação proposta pela Sociedade Numismática Brasileira, que contou com o apoio da Casa da Moeda do Brasil e que produziu uma série de medalhas, sendo uma doada ao museu e as demais sendo disponibilizadas para aquisição do público colecionador.



**Figura 2.** Convite da cerimônia de apresentação da medalha comemorativa dos 100 anos do MHN.

Ainda no contexto das parcerias buscadas pela equipe do MHN, foi lançado um selo comemorativo do Centenário, no dia 1º de dezembro, que traz estampada a fotografia do Altar de Oxalá, obra do artista Emanuel Araújo (1940-2022), representando os novos protagonismos que o MHN quer ter estampados em suas ações.



**Figura 3.** Selo postal comemorativo do Centenário do MHN produzido pelos Correios, 2022.

O projeto “Escuta, conexão e outras histórias” é um marco assumido pelo MHN que pretende inaugurar não só um conjunto de ações cuja elaboração conta com a participação de diversos públicos e é fruto do acúmulo de reflexões e autocrítica que o museu vem adensando nos últimos anos. É uma nova proposta de ser museu dessa instituição centenária, que não pretende se perder no tempo.

### **3. Rio-1922 e 10 objetos: outras histórias – sobre (re)construções do passado em um museu centenário.**

Quando iniciamos nossa gestão no MHN, em fevereiro de 2022, não havia previsão de nenhuma exposição comemorativa do centenário da instituição. A ideia foi lançada logo na primeira reunião da direção com a equipe e prontamente aceita e abraçada por todos os participantes. Tínhamos apenas três meses para a inauguração e começamos o projeto quase do zero. Falamos quase do zero porque tivemos três experiências expográficas anteriores que nos inspiraram. A primeira, a exposição *Fragmentos de arquitetura na Exposição de 1922*, realizada em 2002, sob a curadoria do arquiteto e historiador Carlos Kessel. A segunda, *Salvando o passado. A Inspeção de Monumentos Nacionais (1934-1937)*, realizada em 2004 e baseada na dissertação de mestrado de Aline Montenegro Magalhães, que foi a curadora da mostra. Por fim, *Tão importante, tão esquecido: o bairro da Misericórdia*, realizada em 2015, sob curadoria dos historiadores Rafael Zamorano Bezerra e Maria Isabel Ribeiro Lenzi.

O grande diferencial dessa curadoria foi que contou com toda a equipe técnica do museu, desde a formulação do conceitual até a montagem. Tínhamos pouco tempo, mas



muita vontade de fazer algo autoral, com a cara do MHN do século XXI. Foi assim que *Rio-1922* veio a público e, posteriormente, *10 objetos: outras histórias*. E nós gostaríamos de compartilhar um pouco dessa história aqui.

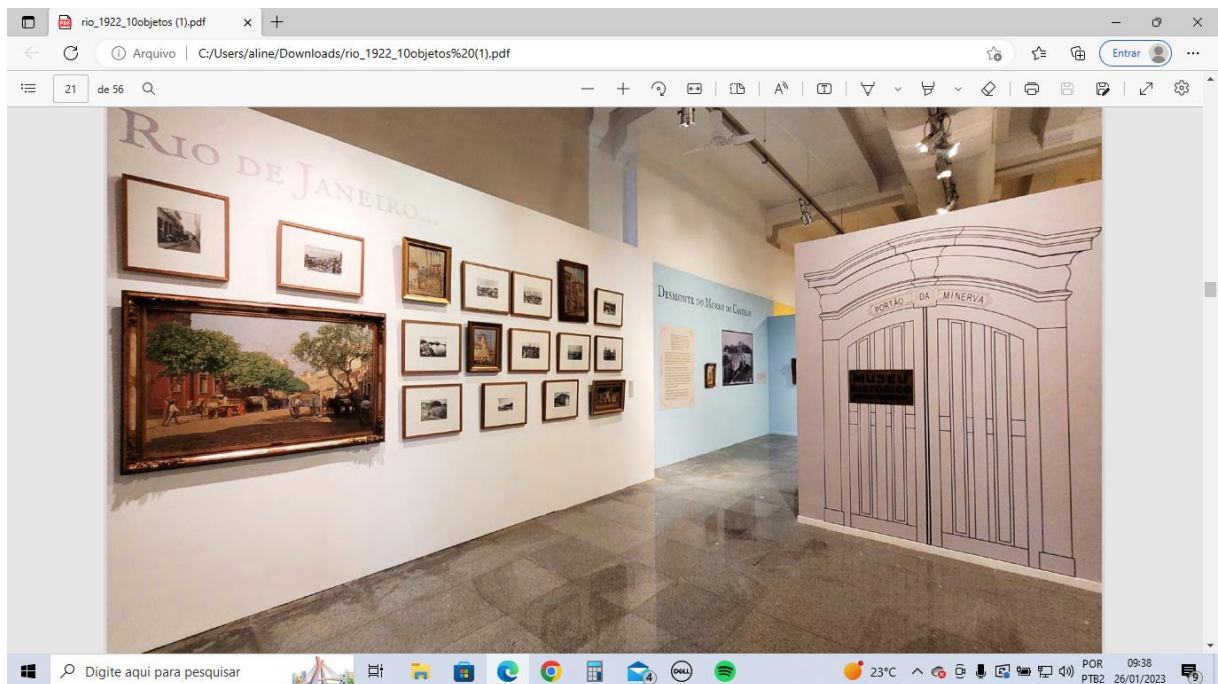
O projeto expográfico foi sendo construído coletivamente em reuniões semanais, contando com seleção de acervo, produção de textos, elaboração do leiaute, etc. A ideia era que a exposição partisse da cidade do Rio de Janeiro de 100 anos atrás para contextualizar a criação do Museu Histórico Nacional e falar um pouco de sua história. Então foi pensada, inicialmente, em três módulos. O primeiro sobre o desmonte do Morro do Castelo, considerado berço da cidade, sacrificado em nome do progresso ansiado na época, com inspiração em cidades europeias como Paris. O segundo dedicado à *Exposição comemorativa do Centenário da Independência do Brasil*, realizada no antigo bairro da Misericórdia, em área aberta pelo desmonte do Morro do Castelo. Por fim, viria o módulo sobre o Museu Histórico Nacional, criado em duas salas do Pavilhão das Grandes Indústrias, uma construção do período colonial, muito próxima ao Morro do Castelo, que chegou a ser ameaçada de destruição também. Entretanto, foi salva e teve suas fachadas restauradas em estilo Neocolonial para integrar a grande *Exposição comemorativa*.

Fruto das pesquisas, do empenho da equipe e da valorização do acervo do Museu Histórico Nacional e do Museu Nacional de Belas Artes, que foi um grande parceiro nessa realização, sob a direção da museóloga Daniela Matera, um quarto módulo foi se materializando. Chamado “Efervescência carioca”, contrapunha a crise política e econômica do período às inovações artísticas, tecnológicas e culturais, a exemplo do modernismo carioca, pouco lembrado, representado nas obras de Emiliano Di Cavalcanti e Villa-Lobos. Um pouco de moda e cotidiano também foi contemplado nesse módulo.

Cada módulo tinha uma cor específica. A introdução com imagens do Rio de Janeiro da época, acervo fotográfico e pictórico do MHN, era branca. Convidava o público a entrar pela reprodução do portão de Minerva, principal acesso do público ao museu, com uma placa que informava ser aquela edificação o MHN, indicando que “a entrada era permitida”.



**Figura 4.** Porta de entrada da exposição *Rio-1922*. Foto: Jaime Acioli



**Figura 5.** Primeiro módulo da exposição *Rio-1922*. Vê-se ao fundo, em azul, o módulo sobre o Morro do Castelo. Foto Simone Kimura.

A cor azul foi escolhida para o módulo sobre a história Morro do Castelo. Imagens de igrejas do acervo do MHN apareciam em diálogo com o trecho de autoria de Marly Motta (1992) sobre a diversidade religiosa que caracterizava o lugar, assim como imagens da destruição eram contrapostas à fala de moradores expulsos do Castelo e empurrados para a periferia. Foi importante ressaltar esse aspecto das pessoas comuns e da pluralidade cultural

do Morro, pois, se mirarmos apenas os vestígios preservados no MHN, fragmento do portal do forte, azulejos do convento dos jesuítas, etc., a ideia é que em pleno século XX o Morro fosse ocupado apenas por construções oficiais do projeto colonial. Isso tem a ver com a seleção do que foi interessante na década de 1920, quando o MHN recolheu esses escombros. Atualmente, nos interessa conhecer a história das pessoas comuns, das religiões que foram perseguidas, dos passados silenciados (Trouillot, 2016) em nome de uma história única (Adichie, 2019) que era valorizada no MHN, com ênfase nos grandes feitos do Estado, na exaltação de heróis e na reafirmação de um projeto civilizador colonial, católico.



**Figura 6.** Detalhe do módulo sobre o Morro do Castelo. Vê-se ao fundo pequena parte do módulo "Efervescência carioca". Foto: Simone Kimura.

O módulo seguinte recebeu a cor amarela, que iluminava as contradições, tensões, disputas, diversidades e pluralidades de uma “efervescência carioca”. Charges do Kalixto, que colocavam o dedo na ferida da crise econômica com muito humor, de um lado; de outro, capas da revista da semana, aquarela de Emiliano Di Cavalcanti, um vestido e uma roupa de banho de mar masculina da época. Uma caricatura da Rian (Nair de Teffé) representando a crise sucessória de Epitácio Pessoa com a disputa eleitoral entre Nilo Peçanha e Arthur Bernardes

– conhecida como “Reação Republicana” – é contraposta a outra, da mesma autora, representando o ator de teatro Procópio Ferreira.



**Figuras 7 e 8.** Duas tomadas do módulo “Efervescência carioca”. À esquerda referências à crise política e econômica e à direita aspectos da cultura e do cotidiano cariocas. Fotos: Jaime Acioli

Já o verde coloriu o módulo sobre a *Exposição internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil*, com a reprodução de planta oficial do evento indicando o espaço da cidade ocupado pela mostra, todos os pavilhões e demais atrações que ficaram abertos ao público entre 7 de setembro de 1922 e 24 de julho de 1923. Esse núcleo contou ainda com uma vitrine com *bottons...* e a mostra de objetos relativos ao evento, como um baralho “souvenir”. Dois vídeos ... e um totem interativo com as propagandas da época que foram publicadas no *Livro de ouro da Exposição do Centenário*.



**Figura 9.** Módulo “Exposição internacional comemorativa do Centenário da Independência do Brasil”. À esquerda, o totem interativo com as propagandas publicadas no *Livro de ouro da Exposição*. À direita, a vitrine contendo objetos relativos à *Exposição*.

Por fim, o módulo sobre o Museu Histórico Nacional recebeu o rosa. Além de ser um tom pastel do vinho, que é a cor da marca do MHN, lembra o rosa da fachada do museu, remetendo às reformas do conjunto arquitetônico de 1922.

Aliás, todas as cores dessa exposição são em tons pastéis, contrastando com cores vivas usadas na forragem das vitrines. Enquanto o branco, o azul, o amarelo e o verde remetem às cores da bandeira do Brasil independente há 200 anos, o rosa confere identidade ao Museu centenário que conta a sua história lembrando ações, como a publicação dos *Anais* do MHN desde 1940, mas também fazendo autocrítica, como ao publicar uma charge de Kalixto da época de criação do MHN, ridicularizando o feito do presidente Epitácio Pessoa e o intelectual escolhido por ele para dirigir a nova instituição. Aliás, as cores, assim como a tipografia, foram escolhidas a partir de referências de anúncios publicitários com desenho inspirados no estilo Art Nouveau, presentes no Livro de Ouro. A profusão e a beleza desses anúncios fizeram com que eles também fizessem parte da exposição.



**Figura 10.** Módulo sobre o Museu Histórico Nacional. Ao fundo a charge de Kalixto criticando a escolha de Gustavo Barroso para diretor da nova instituição, em 1922. Ladeando a charge, duas placas que ladeavam a entrada principal do MHN na década de 1940. No primeiro plano, vitrine usada nas primeiras exposições do MHN. Foto: Jaime Acioli.

A exposição *Rio-1922* não teve um caráter laudatório. Pelo contrário, embora mostrasse aspectos pitorescos dessa capital da República de cem anos atrás, não se furtava a

apontar problemas, fazer críticas e identificar mazelas que nos assolam até os dias de hoje, como a violação do direito à moradia com a remoção de pessoas de seus lares e a destruição de suas casas. Aconteceu com o Morro do Castelo à época, como aconteceu com a Vila Autódromo em pleno século XXI. A mostra valorizou outras vozes, como a dos moradores do Morro do Castelo e a de Lima Barreto, um crítico da sociedade de seu tempo e um defensor da permanência do Morro do Castelo, escritor que completou cem anos de falecido também em 2022.

Com essa abordagem o museu apresentou o acervo sobre sua história e a história do Rio de Janeiro desde 1922, mas construindo outras possibilidades de conhecimento sobre aquele período. Questionando e tensionando a história oficial, procurou olhar as frestas dessa sociedade carioca, o que foi esquecido ou silenciado. Na agoridade, as perguntas são outras e exigem outras respostas, outras histórias.

Por isso, aprofundando a abordagem sobre o Museu Histórico Nacional, foi produzida a exposição *10 objetos: outras histórias*. Focando mais na trajetória da instituição centenária, o questionamento era direcionado à história dos objetos e à que os objetos contavam, contam ou ainda podem contar no museu. Então o visitante atravessa o portal de uma sala em rosa pastel para entrar numa exposição cujo título está gravado em placas rosa-choque. É como se estivesse sendo transportado do passado para o presente.



**Figura 11.** Passagem do módulo sobre o MHN para a exposição *10 objetos: outras histórias*. As cores fortes, a tipografia e outras escolhas do projeto expográfico se deram na perspectiva



de se pensar um museu mais contemporâneo. Um exemplo são os painéis apoiados no chão como mostra de que os textos não foram fixados, estão em construção. Foto: Simone Kimura.

Não foi fácil escolher apenas dez em um universo de quase 300 mil itens. Mas a escolha foi facilitada pelo objetivo tratar as mazelas que afetam nossa sociedade, como a homofobia, as lutas pelo acesso à terra, o racismo (com ênfase no racismo religioso), etc. Outras vozes e protagonismos foram valorizados, desafiando a toada da história tradicional do Estado de heróis e batalhas, Igreja Católica e aristocracias. Mulheres, negros, povos originários, trabalhadores estavam presentes nessa narrativa dos objetos e a partir deles. Segundo um dos textos da exposição, “As perguntas, provocações e informações, selecionadas pelos profissionais do museu para estimular novas visões sobre nosso acervo, apresentam nossas recentes reflexões sobre como formar uma coleção ou exposição de um museu”. Ou seja, antes de acessar textos explicativos, o visitante toma contato com os objetos acompanhados de questionamentos, como uma forma não só de desestabilizá-lo, fazendo-o buscar sentidos, referências e relações que não estão dados, mas também de ter autonomia e participação na produção de histórias, trazendo muitas vezes as suas próprias pro espaço do museu, que “é nosso, de todas e todos”, conforme escreveu a diretora Fernanda Castro no texto de apresentação da mostra.

Os objetos apresentados foram: camisa LGBTQIA+ do C.R. Vasco da Gama, bandeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, indumentária de Iemanjá (Aziri Tobosi do Candomblé de raiz Jeje), medalha comemorativa da Redenção do Ceará cunhada pela Sociedade Abolicionista Cearense do Rio de Janeiro, primeira edição da revista *Manchete* (1952), rede Bakairi, carteira de Trabalho de Áurea Lara da Fonseca, boneca com traços da síndrome de Down, estatueta de gênero e placa “Rua Marielle Franco”. Representavam 10 por cento do número de objetos do acervo contemplado em publicação comemorativa editada pelo próprio museu chamada *Histórias do Brasil em 100 objetos - Museu Histórico Nacional (1922-2022)*. Alguns foram contemplados no livro dos 100 objetos, outros não.



**Figura 12.** Exposição da camisa “orgulho LGBTQIA+” do Clube de Regatas Vasco da Gama, com autógrafo do então capitão do time, Germán Cano, 2019. Como todos os objetos dessa mostra, uma pergunta provocativa precede todo tipo de informação e explicação sobre o objeto: “Quantas cores tem o seu preconceito?”

Concluindo...

As atividades aqui relatadas, especialmente as exposições comemorativas do centenário do MHN produzidas pela própria equipe técnica do museu, em diálogo com o público por meio das rodas de conversa “Escuta, conexão e outras histórias”, estão em sintonia com a proposta da gestão da instituição ao longo do ano de 2022. Atualmente o museu (todos nós), ao se pensar e autoanalisar criticamente, segue atuando prioritariamente em duas frentes: a organização interna e a abertura maior para sociedade, com escuta ativa e promoção de protagonismos diversos para a escrita das histórias contadas pelos diferentes segmentos sociais que compõem nossa sociedade.

Sabemos que é pouco o tempo transcorrido para apresentarmos reflexões conclusivas sobre o ano de 2022 no MHN. Mas há quem comente que nos corredores do museu se veem mais sorrisos do que peças de acervo expostas e se ouvem muitas vozes diferentes. Isso é o suficiente para pensar que os próximos cem anos do MHN têm como possibilidade (em curso) a construção de novas referências, que valorizem os profissionais, envolvam a sociedade e



ampliem o alcance dos diversos segmentos sociais que compõem o Brasil, dando ao museu outras oportunidades e potencialidades de (re)construção de passados e presentes.

**Aline Montenegro Magalhães** é historiadora, foi pesquisadora do MHN por mais de vinte anos, assumindo o cargo de Diretora Substituta por cinco meses. Atualmente é Professora Doutora no Museu Paulista da USP. Contato: [aline.montenegro@usp.br](mailto:aline.montenegro@usp.br)

**Fernanda Castro** é historiadora, educadora museal, foi diretora substituta no Museu Histórico Nacional e atualmente é presidenta do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Contato: [fernanda.castro@museus.gov.br](mailto:fernanda.castro@museus.gov.br)

**Simone Kimura** é arquiteta. Atua no Museu Histórico Nacional nas áreas de arquitetura, expografia e design gráfico. Contato: [simone.kimura@museus.gov.br](mailto:simone.kimura@museus.gov.br)

## REFERÊNCIAS

Abreu, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégia de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco/Lapa, 1996.

Adichie, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

Campos, Haroldo. "Dialética do agora - 2". In: Antunes, Beatriz e Bandeira, João. *De gatos a galáxias – Trajetória poética de Haroldo de Campos*. São Paulo: Risco editorial, 2016.

Barroso, Gustavo. (1924) *Catálogo Geral – Primeira Secção: Archeologia e História*. Rio de Janeiro.

Ferreira, Maria de Simone. "A aquisição de objetos como escrita de memória em museus: uma análise do Relatório Final da Comissão Interna de Política de Aquisição do Museu Histórico Nacional". *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 46, p. 11-31, 2014.

Hartog, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Kessel, Carlos. (2008) *Arquitetura neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade*. Ed. Universidade Estácio de Sá, Curso de Arquitetura e Urbanismo.



- Magalhães, Aline Montenegro. (2017) "A Inspetoria de Monumentos Nacionais do Museu Histórico Nacional e a proteção de monumentos em Ouro Preto (1934-1937)". *Anais do Museu Paulista: História, Cultura e Material*, v.25, p.233 - 290.
- Magalhães, Aline Montenegro; Bezerra, Rafael Zamorano. (2014) Museu Histórico Nacional In: Abreu, Alzira Alves de e Paula, Christiane Jalles de. *Dicionário da política republicana do Rio de Janeiro*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v.1, p. 822-824.
- Museu Histórico Nacional. (2021) *Projeto Escuta, conexão e outras histórias: Plano de Trabalho*. Rio de Janeiro: MHN.
- Museu Histórico Nacional. (1985) *Proposta conceitual para o circuito permanente*. Rio de Janeiro, MHN.
- Pereira, Mateus e Araújo, Valei. *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI*. 2ª ed. Vitória: Milfontes; Mariana: SBTTH, 2019.
- Pret, Raquel. "Expondo a novidade: análise da proposta conceitual de 1985 para o circuito permanente do Museu Histórico Nacional". *Anais do Museu Histórico Nacional*. Rio de Janeiro, v. 37, p. 19-36, 2005.
- Siqueira, J. M. (2017) "Bem viver, Ubuntu e a Sociomuseologia: contribuições para descolonizar a Educação Museal". In: *Revista Pensamiento Actual* ( Vol 17, No. 28, p.174-185). Universidad de Costa Rica – Sede de Occidente. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/319240980 Bem viver Ubuntu e a Sociomuseologia contribuicoes para descolonizar a Educacao Museal](https://www.researchgate.net/publication/319240980_Bem_viver_Ubuntu_e_a_Sociomuseologia_contribuicoes_para_descolonizar_a_Educacao_Museal). Acesso em 9 de outubro de 2022.
- Trouillot, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Curitiba: huya, 2016.